



J. Chrys Chrystello

Da minha janela

“Vejo os montes ora verdes, ora verdes, ou, então verdes, consoante a estação do ano, e as culturas do que lá se planta, seja milho ou outro qualquer produto agrícola, ora vazios, ora com vacas alpinistas todo o ano. Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...”

Das ameias do meu “castelo”, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa, e continuo a ver um planeta em permanente mudança.

São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou carrinha, rumo às vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia da manhã em rotinas que se repetem – duas ou três vezes ao longo do dia – até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplidão dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micalense, depois há uns que são menos gigantesco, mas – mesmo assim – demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., mas todos enormes para as pequenas parcelas de terra aqui na Lomba da Maia.

Vejo catraios barulhentos ao voltar da escola primária ou catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se como pequenas bestinhas que serão quando crescerem, saltando para o meio da rua, impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs, de xaile ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do séc. XIX, que vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiásticos da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas, a viver num mundo que já não existe e onde não compreendem a re-

alidade em que estão inseridas... Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral.

Vejo a vizinha da casa de baixo, sempre a espreitar pela porta quem entra, quem sai, quem passa, ocupando o tempo que lhe falta na sua octogenária vida, enquanto aguarda que filhos e netas a venham visitar ou a venham buscar para levar a passar uns tempos em casa deles. Cumprimento sempre e pergunta pela saúde.

Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entreitando os anos de vida que faltam à moradora cidadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana... por vezes com filhos, netos e seus amigos.

Desta janela não vejo, na casa ao lado dessa, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos.

Nas lides da casa nunca se ocupa pois não deve ter tempo, pois aguarda, sempre aperaltada, com a convicção de ser sexy, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de um homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados das telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres

assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como Romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações.

Vejo ainda os outros, os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender.

Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo e mais alguma coisa soando as tonitruantes buzinas em carrinhas barulhentas na sua distribuição e aliciamento de clientes em tempo de crise.

Vejo os montes ora verdes, ora verdes, ou, então verdes, consoante a estação do ano, e as culturas do que lá se planta, seja milho ou outro qualquer produto agrícola, ora vazios, ora com vacas alpinistas todo o ano.

Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...

**Jornalista [MEEA]/AJA (Australian Journalists' Association – Membro Honorário Vitalício nº 2977131, 1983-2018) carteira profissional AU3804]*

Misericórdia da Ribeira Grande abre candidaturas a bolsa de estudo

A Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande anunciou a abertura de inscrições para as candidaturas a uma bolsa de estudos para estudantes universitários.

O valor da bolsa é equivalente ao montante das propinas anuais e visa premiar e distinguir os alunos que residem na área de intervenção da Misericórdia da Ribeira Grande, ou seja “estudantes desde a Ribeirinha até às Calhetas, cujos agregados familiares apresentam dificuldades financeiras e que tenham obtido boas notas académicas”.

Para a Santa Casa da Misericórdia

da Ribeira Grande, a bolsa visa, por outro lado, “incentivar os jovens a prosseguirem nos estudos, mesmo com fragilidades financeiras, dado que um curso superior é uma importante ferramenta que contribui em muito para facilitar a busca pelo sucesso na vida”.

A instituição explica que “os interessados devem inscrever-se no portal da internet da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande e as candidaturas terminam no dia 31 de janeiro de 2019, apresentando todos os requisitos exigidos para a avaliação do júri nomeado para o efeito”.

Santa Casa do Nordeste organizou festa de natal para as crianças

Realizou-se esta Quinta-feira, no Centro Municipal de Atividades Culturais da Vila de Nordeste, a Festa de Natal dos CATL da Misericórdia daquele concelho, que contou com a presença de pais e familiares que encheram o auditório municipal.

As crianças, educadores e colaboradores dos CATL's da Vila, da Lomba da Fazenda, de Santana e de Achadinha passaram pelo palco com diversas actividades, entre cânticos de Natal e representações. No final da festa, foi a vez de o Pai Natal subir ao palco e distribuir as prendas natalícias às crianças presentes.

